

O CONCEITO DE AMIZADE PLENA NO FILME GRAN TORINO

YOHAN LEE



Introdução

O que é uma amizade plena? Quais são suas características? É possível cultivar tal amizade?

Não é de se surpreender quando encontramos em um filme, em uma peça teatral ou em qualquer forma de entretenimento, conceitos filosóficos e assuntos que foram abordados pelos mais ilustres filósofos desde a Grécia Antiga até os nossos tempos. A amizade certamente é um assunto bastante difundido no meio cinematográfico. E Gran Torino também faz a sua colaboração contando a comovente relação entre Walter Kowalski e Thao Vang Lor.

No presente artigo, será abordado o assunto da amizade e da amizade plena nos filósofos Aristóteles e Michel de Montaigne, e em seguida, será analisado o filme Gran Torino com base nas reflexões destes dois filósofos.

I. A amizade plena em Aristóteles e Montaigne

Cultivar amizades é um hábito comum em qualquer sociedade. Pessoas que se tornaram amigas que se conheceram em um ambiente de trabalho ou durante a infância, na escola, ou ainda porque simplesmente aconteceu sem haver alguma explicação ou motivo para tal. O ser humano por si só é um ser social. Isso torna o assunto da amizade bastante pertinente. E uma reflexão sobre o assunto é extremamente relevante, pois se trata de um aspecto importante, e até mesmo necessário para a vida, como já dissera Aristóteles:

“De fato, ninguém deseja viver sem amigos, mesmo dispondo de todos os outros bens; achamos até que as pessoas ricas e as ocupantes de altos cargos e as detentoras do poder são as que mais necessitam de amigos; realmente de que serve a prosperidade sem a oportunidade de fazer benefícios, que se manifesta principalmente e em sua mais louvável forma em relação aos amigos? Ou então, como pode a prosperidade ser protegida e preservada sem amigos? Quanto maior ela for, mais exposta estará aos riscos. E as pessoas pensam que na pobreza e em outros infortúnios os amigos são o único refúgio. Os amigos também ajudam os jovens a evitar os erros, e ajudam as pessoas idosas, amparando-as em suas necessidades e suplementando sua capacidade de ação reduzida pela senilidade. Além disso, os amigos estimulam as pessoas na plenitude de suas forças à prática de ações nobilitantes – “quando dois vão juntos” – pois com amigos as pessoas são mais capazes de pensar e de agir.”
(ARISTÓTELES: 1985, p.153)

Todos os fatores, porém, que fizeram Aristóteles mencionar, neste trecho, a necessidade de amigos na vida de uma pessoa, são baseados em uma relação de interesse. A amizade existe e é necessária porque dela desfrutamos de benefícios. E a “amizade pela utilidade” é um dos tipos de amizade descritos por Aristóteles em sua obra *Ética a Nicômacos*, sua principal obra sobre *Ética*. Na amizade segundo a utilidade, Aristóteles afirma que essa relação existe apenas quando há algum interesse de uma, ou de ambas as partes por trás dela.

A amizade segundo o prazer é aquela que se dá em uma relação onde se busca o prazer. Trata-se daquela amizade que se baseia em momentos de prazer, de diversão, quando aos amigos, um entretém o outro. Essa seria

aquela amizade das “saidinhas”, daquela mesa de bar, daquela viagem de fim de ano.

Por fim, a amizade perfeita, que se dá quando os indivíduos que dela participam, ambos são bons, de caráter e virtude. Nesse caso, não há interesse e busca por prazer. Existe um sentimento mútuo sincero de desejo pelo bem estar do outro. Não há nenhuma intenção duvidosa com tal relação. Nas palavras de Aristóteles:

“A amizade perfeita é a existente entre as pessoas boas e semelhantes em termos de excelência moral; neste caso, cada uma das pessoas que bem à outra de maneira idêntica, porque a outra pessoa é boa, e elas são boas em si mesmas” (ARISTÓTELES: 1985 p.156).

Michel de Montaigne, um filósofo, político, escritor e cético francês do séc. XVI, dá a sua impressão sobre tal amizade. Para Montaigne, a amizade verdadeira, perfeita, ocorre de maneira súbita, sem que os indivíduos esperem por ela. Ela acontece como se fosse carregada por uma força desconhecida:

“E mais do que poderia dizer, de uma maneira geral e no caso em apreço, intervém em ligações dessa natureza uma força inexplicável e fatal que eu não saberia definir. Nós nos procurávamos antes de nos termos visto, pelo que ouvíamos um acerca do outro, e nascia em nós uma afeição em verdade fora de proporções com o que nos era relatado, no que vejo como que um decreto da Providência.” (MONTAIGNE: 2004 p. 92)

A amizade perfeita que Montaigne se refere, é uma amizade onde “as almas entrosam-se e se confundem em uma única alma, tão unidas uma à outra que não se distinguem, não se lhes percebendo sequer uma linha de demarcação” (MONTAIGNE: 2004 p. 92). A amizade perfeita, portanto, para Montaigne, é quando duas pessoas se unem de forma tal, que seus interesses, seus desejos, seus prazeres, tudo se torna em comum. Não há um desejo de benefício próprio, no sentido egoísta do termo, pois a própria amizade verdadeira se caracteriza, de fato, como um benefício. Aristóteles disse com relação a isso que, aos amigos verdadeiros, que partilham da amizade verdadeira, virtuosa, inevitavelmente há o benefício. Não a um, apenas, mas a ambos.

Montaigne ainda cita um exemplo interessante, onde um homem chamado Eudâmidas que era pobre, tinha dois amigos ricos, Charixênio e Areteu. Na ocasião de sua morte, Eudâmidas, em seu testamento, determina que a Areteu ficaria incumbido o dever de cuidar de sua mãe e suprir-lhe todas as necessidades durante a velhice e, a Charixênio, o dever de desposar sua filha. Montaigne relata que, ao ouvirem do testamento de Eudâmidas, outros riram, pois para eles, tal herança não era invejável. Mas Areteu e Charixênio,

se sentiram honrados e vibraram contentes com o privilégio a eles oferecido por seu amigo Eudâmidas.

Amizades dessa natureza são raríssimas em dias como os atuais. Na sociedade de hoje, o que mais podemos perceber, ao observar as relações de amizade, são as citadas por Aristóteles, as que se dão pela utilidade e pelo prazer. Amizades virtuosas e verdadeiras são raríssimas. A maior importância que se dá pelo homem da atual sociedade, é à família, coisa que também tem aos poucos se perdido. Diferente de Montaigne que eleva a amizade à mais alta posição, inclusive acima da família.

Para Montaigne, a relação familiar é uma relação hierárquica. Isso significa que, não há uma satisfação plena nos relacionamentos familiares: “Nas relações entre pais e filhos é mais o respeito que domina” (MONTAIGNE: 2004 p. 90). É certo que pode haver casos assim, mas, de uma forma generalizada, o filósofo francês defendia que a relação familiar era fundamentada basicamente na hierarquia. Ideia que Aristóteles também defende, pois, na concepção do estagirita, a amizade, e não a família está entre os três aspectos fundamentais para a felicidade do homem. O que também não significa que em uma relação familiar não exista a possibilidade de haver relação de amizade plena. Ou seja, a questão levantada por Aristóteles diz respeito ao fato de que a amizade plena independe de quaisquer laços familiares, mas que em tais laços também pode haver relações de amizade plena.

II. *A amizade plena em “Gran Torino”*

“Gran Torino” é um filme produzido, dirigido e também estrelado pelo aclamado ator e diretor Clint Eastwood, vencedor de vários oscars, dentre eles o de melhor diretor e melhor filme (ambos por “Menina de Ouro”, 2005).

“Gran Torino” conta a história de um norte-americano, veterano da guerra da Coreia, Walter “Walt” Kowalski (Clint Eastwood). Walt vive em um bairro nos subúrbios de Michigan em Detroit, onde é vizinho de uma numerosa colônia de descendentes de asiáticos, por quem cultiva um preconceito resultante de sua experiência na guerra. Walt é um homem extremamente rabugento e vive de um patriotismo exacerbado, chegando ao ponto de reprovar seus filhos por possuírem carros japoneses ao invés de americanos, desgosto que se reforça ainda por conta do fato de que Walt havia sido um funcionário da montadora de carros americana Ford. As únicas coisas que Walt deseja é viver sua vida até o fim, tomando suas cervejas na varanda de sua casa e cultivando sua amizade com o padre da cidade, Janovich, interpretado

por Christopher Carley, e com o barbeiro Martin, interpretado por John Carroll Lynch.

Tudo isso muda quando Thao, interpretado por Bee Vang, aparece em sua vida, tentando roubar seu adorado carro Gran Torino, ação que foi orquestrada pelos primos de Thao e liderados por Fong, que o fizeram como requisito para que Thao pudesse fazer parte da gangue comandada por eles. Thao, Sue (irmã de Thao, interpretada por Ahney Her) e seus primos fazem parte da cultura Hmong, uma etnia do Sudeste asiático.

O plano não dá certo, pois Walt flagra a tentativa de Thao e o impede. Envergonhada da atitude de seu filho, a mãe de Thao decide que seu filho devia reparar a honra que fora manchada. Sua proposta era de que Thao devia trabalhar para Walt durante um certo período, sem receber nada em troca. E aí se inicia a amizade de Walt e Thao. Um acontecimento totalmente inesperado para o xenofóbico Walt e também pelo inexperiente Thao.

Durante o período de trabalho, Walt e Thao, através das conversas diárias e inevitáveis, se conhecem e se aproximam. Walt passa a ensinar Thao muitas coisas referentes ao trabalho, pois o rapaz não tinha experiência em nada. A relação passa a ser cada vez mais amigável, como de um pai e filho (o pai de Thao não está junto com a família e o filme não cita o motivo) que tem uma amizade muito forte, que vai além da hierarquia familiar apontada por Montaigne.

Tudo ocorre muito bem, até que a gangue que é liderada por Fong passa a atormentar não somente a vida de Thao, mas de toda a sua família, encontrando o seu ápice em um sequestro breve onde a jovem Sue foi torturada e violentada. Resultado, porém, da ação de Walt, quando este espancou e intimidou um dos membros da gangue de Fong, após eles perseguirem Thao.

No desfecho, Walt, em uma tentativa de se redimir e principalmente livrar a família de Thao da perseguição, vai até o local onde a gangue se encontra e, após ameaçar sacar uma arma, é baleado e executado. Um sacrifício que resulta na prisão da gangue e na consequente “libertação” da família de Thao.

Se existe uma amizade perfeita, plena, onde não há nenhum tipo de sentimento negativo, essa amizade se ilustra na relação entre Walt e Thao. E, embora a relação de Walt e Thao se parecesse mais com a relação entre um pai e um filho, em nada isso afetava na amizade que havia entre os dois personagens, uma vez que eles não eram, de fato, pai e filho. Ou seja, havia uma amizade de pai e filho, sem as cordialidades convencionais de tal relacionamento, as quais Montaigne aponta:

“Nas relações entre pais e filhos é mais o respeito que domina. A amizade nutre-se de comunicação, a qual não pode estabelecer-se nesse domínio em virtude da grande diferença que entre eles existe, de todos os pontos de vista; e esse intercâmbio de ideias e emoções poderia por vezes chocar os deveres recíprocos que a natureza lhes impôs, pois, se todos os pensamentos íntimos dos pais se comunicassem aos filhos, ocorreriam entre eles familiaridades inconvenientes.” (MONTAIGNE: 2004, p.90)

Na relação entre Walt e Thao, não haviam restrições sobre o que se podia ou não se podia falar. Ambos se dirigiam ao outro com sinceridade, simplesmente pelo fato de que não havia nada que os impedisse que assim agissem.

Uma das questões mais pertinentes, porém, principalmente na contemporaneidade, no que diz respeito à amizade, é a questão do interesse, que também foi apontada por Aristóteles:

“Há, portanto, três espécies de amizade, em número igual às qualidades que merecem ser amadas, já que uma afeição recíproca, conhecida por ambas as partes, pode basear-se em cada uma das três qualidades, e quando duas pessoas se amam elas desejam bem uma à outra referindo-se à qualidade que fundamenta a sua amizade. Os amigos cuja afeição é baseada no interesse não amam um ao outro por si mesmos, e sim por causa de algum proveito que obtém um do outro. O mesmo raciocínio se aplica àqueles que se amam por causa do prazer; não é por seu caráter que gostamos das pessoas espirituosas, mas porque as achamos agradáveis.” (ARISTÓTELES: 1985 p. 155)

A amizade por interesse, segundo Aristóteles, não é aquela que ocorre devido ao caráter dos indivíduos que dela desfrutam e participam, mas devido ao que um ou outro pode proporcionar, pode oferecer ao companheiro, seja em termos materiais ou em termos de prazer, como companhia, momentos alegres, etc.

Essa questão é bastante pertinente em nossos dias por um motivo simples. Vivemos em uma sociedade capitalista que tem o materialismo em seus alicerces. Nesse sentido, a mentalidade contemporânea está fadada a buscar algum proveito em suas relações, assim como o faz diariamente no ambiente do trabalho. Dúvidas como “o que vou ganhar com isso?”, são bastante comuns em nossos dias. É uma necessidade tirar algum proveito de tudo e de todos.

Qual o tipo de relação de amizade, porém, existe entre Walt e Thao? Já foi mencionado que, apesar de ser uma relação próxima à de um pai e um filho, ela não se encaixa perfeitamente nesses moldes. Walt é como um pai, mas

mais amigo do que pai. Thao é como um filho, mas mais amigo do que filho. A amizade entre Walt e Thao é uma ilustração da amizade plena.

Montaigne entendia que a amizade plena acontecia quando não se espera por ela, ocorre de maneira súbita. Walt não estava em busca de uma amizade plena. Mesmo que fosse o caso, um asiático não estaria entre as opções. Thao também não buscava em Walt a amizade plena. Walt deveria ser apenas a vítima de seu crime, que por sua vez era apenas um passo para fazer parte de uma gangue. Esse, talvez, seja o motivo que torna essa relação mais interessante e surpreendente. Pois, apesar de Walt tentar negar, e de fato o nega, Thao passa a ser uma figura importante em sua vida. E pelo que se entende, a mais importante de todas elas, pois em seu testamento, Walt deixa seu adorador Gran Torino para Thao e não para seus filhos ou qualquer outro membro da família Kowalski.

Quando entramos na questão do interesse, também chegamos à conclusão de que a amizade entre Walt e Thao era uma amizade plena. Pois, por mais que haja um esforço para encontrar algo, não há absolutamente nada pelo que Walt possa se interessar na vida de Thao. Walt era um homem realizado, veterano de guerra e orgulhoso da vida patriota que havia levado até ali. Como já mencionado, seu único desejo era tomar suas cervejas e ter suas conversas com os amigos. E por mais que se esforçasse, dificilmente Walt teria imaginado que alguém como Thao se tornaria seu amigo, antes que o mesmo acontecesse de fato. Quando olhamos para Thao, podemos entender da mesma forma. O que Walt teria para que despertasse o interesse de Thao? Um velho rabugento como seu amigo não teria nada para lhe oferecer a não ser histórias sem graça de um passado distante.

Ao contrário do que Aristóteles fala a respeito dos outros tipos de amizade, a amizade plena é aquela em que ambos os amigos se beneficiam com ela. E isso não ocorre a partir de uma expectativa resultante de um sentimento interesseiro. Isso ocorre porque, quando ambos são bons, será consequência que um traga benefícios ao outro. Pois aquele que é bom, procurará sempre o bem do outro.

Na amizade entre Walt e Thao, podemos ver isso. Ambos se beneficiam com o relacionamento que surge entre eles. Walt encontra uma companhia que, mesmo no fim de sua vida, quebra alguns paradigmas que o acompanharam durante tantos anos. Thao encontra um pai experiente e disposto a ensinar a respeito da vida. E tudo isso encontra seu ápice no sacrifício realizado por Walt. Um sacrifício que surge para sanar qualquer dúvida a respeito da amizade entre os personagens de Walt e Thao.

Considerações finais

Na sociedade de hoje, talvez seja tarefa difícil entender (ou até mesmo de aceitar) o conceito de amizade plena que Aristóteles e Montaigne citaram em suas obras. Isso porque as relações são permeadas por outros princípios, diferentes do que encontramos na referida.

O filme produzido e estrelado por Clint Eastwood, *Gran Torino*, nos traz uma bela ilustração do que se trata essa amizade plena. Walt e Thao são dois personagens que, embora antagônicos em praticamente todos os aspectos, cultivam uma amizade rara de se encontrar. Uma amizade que parece ser não só uma ilustração do que dizia Aristóteles e Montaigne, mas o que encontramos em no livro de Provérbios da Bíblia: “O amigo ama em todos os momentos; é um irmão na adversidade.” (Provérbios 17, v. 17).

Bibliografia

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Brasília: Editora UnB, 1985.

MONTAIGNE, M. *Ensaio*. Col. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 2004.

GRAN Torino. Direção: Clint Eastwood., USA. 2009. Elenco: Clint Eastwood, Bill Gerber e Robert Lorenz.

Formatado: Inglês (EUA)

